

AVALIAÇÃO DA LEITURA NA AMÉRICA LATINA: CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E LEITURA EM DISPUTA NO ERCE

Ana Karen Costa Batista¹.

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo.

<http://lattes.cnpq.br/6929920111879556>

RESUMO: Este texto apresenta resultados iniciais de uma pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES). O objetivo é discutir os sentidos de linguagem e leitura que se materializam nos discursos sobre as avaliações internacionais da leitura e suas interlocuções com a agenda educacional internacional. O estudo toma como objeto de análise o Estudo Regional Comparativo e Explicativo (ERCE), avaliação realizada pelo Laboratório Latino-Americano de Avaliação da Qualidade da Educação (LLECE), vinculado à UNESCO. A pesquisa fundamenta-se na perspectiva Enunciativo-Discursiva do Círculo de Bakhtin e na Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, além de dialogar com contribuições da História Cultural. Metodologicamente, realiza-se análise teórico-documental de documentos institucionais relacionados ao ERCE, buscando compreender as concepções de linguagem e leitura que orientam essa avaliação. Os resultados indicam que o ERCE mobiliza predominantemente uma concepção de leitura centrada na mensuração de habilidades cognitivas, organizada em domínios e processos avaliativos. Conclui-se que as avaliações educacionais não apenas mensuram aprendizagens, mas também produzem sentidos sobre o que significa ler e aprender a ler, evidenciando a necessidade de problematizar as concepções que orientam esses processos no contexto latino-americano.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Avaliação educacional. América Latina.

READING ASSESSMENT IN LATIN AMERICA: CONCEPTIONS OF LANGUAGE AND READING IN DISPUTE AT ERCE

ABSTRACT: This text presents initial results from ongoing research within the Postgraduate Program in Education at the Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES). The objective is to discuss the meanings of language and reading that materialize in discourses about international reading assessments and their interrelations with the international educational agenda. The study takes as its object of analysis the Estudio Regional Comparativo y Explicativo (ERCE), an assessment carried out by the Latin American Laboratory for Assessment of the Quality of Education (LLECE), linked to UNESCO. The research is based on the Enunciative-Discursive perspective of the Bakhtin Circle and the Historical-Cultural Psychology of Vigotski, in addition to engaging with contributions from Cultural

History. Methodologically, a theoretical-documentary analysis of institutional documents related to ERCE is carried out, seeking to understand the conceptions of language and reading that guide this assessment. The results indicate that ERCE predominantly mobilizes a conception of reading centered on the measurement of cognitive skills, organized into domains and evaluative processes. It is concluded that educational assessments not only measure learning, but also produce meanings about what it means to read and learn to read, highlighting the need to problematize the conceptions that guide these processes in the Latin American context.

KEYWORDS: Reading. Educational assessment. Latin America.

INTRODUÇÃO

As reflexões realizadas neste texto apresentam os primeiros resultados de pesquisa em desenvolvimento no curso de Mestrado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES), linha de Educação em Linguagens. O estudo foi realizado no âmbito do Núcleo de Alfabetização, Leitura e Escrita do Espírito Santo (Nepales) e pretende lançar um olhar ativo e responsivo frente às avaliações internacionais de leitura, e seus diálogos com a agenda educacional internacional.

Pesquisas do campo da avaliação da leitura destacam o impacto das avaliações em larga escala realizadas sistematicamente pelos sistemas de ensino (Côco, 2014; Endlich, 2023; Endlich, Gontijo 2023; Rocha, 2024). De acordo com as referidas pesquisas, esses testes são criados para responder às demandas de avaliação da alfabetização advindas de organismos internacionais como o Banco Mundial e a Organização das Nações Unidas para a Educação (Unesco). Atualmente, a nível nacional, o Brasil adere a duas avaliações internacionais da leitura nos anos iniciais. O Estudo Regional Comparativo e Explicativo (ERCE) realizado desde 1997 e, forma mais recente, o Estudo Internacional de Progresso em Leitura (PIRLS) aplicado no Brasil desde 2019.

O texto tem como objetivo discutir os sentidos sobre linguagem e leitura que se materializam nos discursos sobre as avaliações internacionais da leitura e as interlocuções com a agenda educacional internacional problematizando desafios, limites e perspectivas deste processo. Neste sentido, lançaremos um olhar para a avaliação da leitura nos anos iniciais no contexto da América Latina, tendo como objeto de discussão o Estudo Regional Comparativo e Explicativo (ERCE), avaliação realizada pelo Laboratório Latino-Americano de Avaliação da Qualidade da Educação (LLECE), vinculado à Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

As reflexões apresentadas fundamentam-se na Perspectiva Enunciativo-Discursiva do Círculo de Bakhtin e na Psicologia Histórico-Cultural da Escola de Vigotski. Dialogamos com autores desses dois campos teóricos, cujas produções concebem o conhecimento científico como uma produção social e coletiva.

A seguir, apresento a arquitetura que organiza os sentidos pensados para o texto.

Após as palavras iniciais, no tópico “Concepções de linguagem: as contribuições do Círculo de Bakhtin”, discorreremos sobre a perspectiva bakhtiniana de linguagem defendida pelos autores do Círculo. Logo após, em “Concepções de leitura: as contribuições da História Cultural”, abordamos as múltiplas facetas da leitura e a concepção de leitura enquanto prática social e cultural situada historicamente. Em “Tensões entre concepções de linguagem, leitura e avaliação educacional”, refletimos sobre as implicações das concepções de linguagem e leitura materializadas nos discursos sobre as avaliações internacionais da leitura, especialmente no ERCE. Finalmente, traçamos algumas “Palavras finais” refletindo sobre a avaliação da leitura na América Latina.

Concepções de linguagem: as contribuições do Círculo de Bakhtin

O objetivo deste tópico é apresentar a concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin, contrapondo-a às tendências do subjetivismo individualista e do objetivismo abstrato, e fundamentar a compreensão da linguagem como interação discursiva, base teórica para analisar as relações entre linguagem, leitura e práticas educativas.

A forma como compreendemos a linguagem e a leitura no âmbito da educação revela projetos de formação de mundo, sociedade e as possibilidades de atuação dos sujeitos na vida social. No âmbito da filosofia da linguagem, os estudos desenvolvidos por Volochínov (2013) buscaram analisar criticamente as tendências predominantes do pensamento linguístico ocidental. Ao revisitar diferentes autores e correntes teóricas, o autor se propôs a responder a uma questão fundamental: qual é o efetivo objeto da filosofia da linguagem? A partir dessa investigação, Volochínov identificou duas grandes tendências explicativas, denominadas por ele de subjetivismo individualista e objetivismo abstrato.

O autor observou que a primeira compreende a linguagem como atividade essencialmente individual, vinculada à consciência e à vida psíquica do sujeito. Nessa perspectiva, a língua é concebida como resultado de atos individuais de criação linguística, sendo as leis da linguagem associadas às leis da psicologia individual. Por outro lado, a tendência denominada objetivismo abstrato compreende a língua como um sistema fixo e imutável de formas linguísticas, existente independentemente das condições sociais de sua produção. Nessa perspectiva, a língua é entendida como um conjunto de normas estruturais que se impõem à consciência individual, sendo as relações linguísticas reguladas por leis internas ao próprio sistema da língua.

Em contraposição a essas duas tendências, os autores do Círculo de Bakhtin desenvolveram uma concepção de linguagem que se afasta tanto da centralidade da consciência individual quanto da ideia de língua como sistema autônomo e abstrato. Para esses autores, a linguagem deve ser compreendida como fenômeno social e histórico, produzido no interior das relações humanas e vinculado às condições concretas da vida social. Nesse sentido, Volochínov (2013) afirma que a linguagem é produto da atividade humana coletiva e reflete os aspectos da organização social, política e econômica da sociedade. A palavra, nesse contexto, é compreendida como signo ideológico, pois

materializa e refrata as relações sociais nas quais os sujeitos estão inseridos.

Nessa perspectiva, a enunciação não se origina no interior da consciência individual, mas nas relações sociais que constituem o processo de comunicação. Como afirma o autor, “a enunciação enquanto tal é um produto da interação social” (Volochínov, 2013, p. 128), sendo determinada tanto pelas circunstâncias imediatas da comunicação quanto pelas condições sociais mais amplas que estruturam a vida coletiva. Desse modo, a linguagem deixa de ser compreendida como fenômeno puramente individual ou como sistema abstrato de formas linguísticas e passa a ser entendida como processo de interação discursiva. Tal compreensão amplia as possibilidades de análise das práticas educativas, uma vez que permite problematizar as concepções de linguagem e leitura que orientam políticas educacionais, práticas pedagógicas e processos de avaliação no contexto escolar.

A seguir, discutiremos as concepções de leitura à luz das contribuições da História Cultural.

Concepções de leitura: as contribuições da História Cultural

O objetivo deste tópico é discutir a leitura como prática social, cultural e histórica, fundamentando que o ato de ler envolve processos de produção de sentidos, apropriação cultural e interação entre leitor, texto e contexto, superando concepções que reduzem a leitura a uma habilidade meramente cognitiva ou técnica.

A leitura pode ser compreendida de diferentes maneiras conforme os contextos históricos, sociais e culturais em que é concebida. Como afirma Ezequiel Theodoro da Silva, “ler é um ato extremamente complexo, que necessita de sínteses interdisciplinares para ser explicado” (Silva, 1988, p. 19). Nesse sentido, a perspectiva que a compreende como prática social e cultural permite ampliar a compreensão do ato de ler para além de abordagens meramente cognitivas. Essa complexidade envolve dimensões psicológicas, linguísticas, discursivas, sociais e culturais que constituem a prática da leitura e evidenciam que o ato de ler não se reduz à decodificação de signos, mas envolve processos mais amplos de produção e circulação de sentidos na vida social.

Nessa direção, os estudos sobre a história da leitura desenvolvidos por Roger Chartier (1999) contribuem para ampliar a compreensão da leitura como prática cultural situada historicamente. O autor demonstra que a leitura envolve formas de apropriação realizadas pelos sujeitos em contextos sociais específicos, sendo marcada por condições materiais e históricas que influenciam as maneiras pelas quais os textos são produzidos, circulam e são interpretados. Assim, ler não é apenas uma operação cognitiva individual, mas uma prática social historicamente situada, atravessada por relações culturais, institucionais e materiais.

Mesmo sendo um ato realizado individualmente, a leitura envolve a participação do sujeito na experiência histórico-social da humanidade. Ao ler, o sujeito se apropria de conhecimentos, valores e significações produzidos coletivamente ao longo da história, inserindo-se em um processo social mais amplo de produção e circulação de saberes. Um exemplo dessa dimensão social da leitura pode ser observado no próprio processo

de produção de um livro, que envolve diferentes sujeitos e práticas sociais, como autores, editores, revisores, designers e trabalhadores da indústria editorial, evidenciando que o objeto lido é resultado de uma complexa rede de produção cultural.

Nessa perspectiva, a leitura também pode ser compreendida como processo de produção de sentidos. A partir das contribuições do Círculo de Bakhtin e da Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, o leitor não é visto como sujeito passivo diante do texto, mas como participante ativo na construção de significados. O ato de ler envolve um processo dialógico no qual o leitor mobiliza seus conhecimentos, experiências e referências culturais para interpretar o texto. Nesse processo, a leitura atua como uma forma de apropriação das objetivações culturais produzidas pela humanidade, permitindo que os sujeitos se relacionem com os conhecimentos historicamente acumulados.

Ao discutir a leitura como produção de sentidos, Jean-Marie Goulemot também destaca o papel da memória e da experiência cultural na atividade de ler. Para o autor, o leitor mobiliza um repertório de leituras anteriores, conhecimentos e referências culturais que influenciam sua interpretação do texto. Nesse sentido, “ler será, portanto, fazer emergir a biblioteca vivida, quer dizer, a memória de leituras anteriores e de dados culturais. É raro que leiamos o desconhecido” (Goulemot, 2009, p. 113).

Assim, compreender a leitura como prática social e cultural implica reconhecer que o ato de ler envolve processos complexos de apropriação, interpretação e produção de sentidos. Ler é dialogar com textos, discursos e experiências acumuladas historicamente, mobilizando memória, cultura e linguagem em um processo de interação que ultrapassa a dimensão técnica da decodificação e se insere no campo mais amplo da vida social e cultural.

A seguir, discutiremos as concepções de linguagem e leitura que orientam o ERCE, buscando compreender os sentidos materializados nos discursos das avaliações internacionais.

Tensões entre concepções de linguagem, leitura e avaliação educacional

O objetivo deste tópico é analisar os sentidos de linguagem e leitura que se materializam nos discursos e nos instrumentos do ERCE, problematizando as concepções de leitura que orientam essa avaliação e evidenciando as tensões entre uma perspectiva que reduz a leitura a habilidades cognitivas mensuráveis e outra que a compreende como prática social, cultural e discursiva.

No cenário contemporâneo das políticas educacionais, as avaliações em larga escala assumem papel central na produção de diagnósticos sobre a qualidade da educação e na orientação de políticas públicas. Na América Latina, uma das principais iniciativas nesse campo é o Estudo Regional Comparativo e Explicativo (ERCE), desenvolvido pelo Laboratório Latino-Americano de Avaliação da Qualidade da Educação (LLECE), vinculado à UNESCO. Desde 1997, o estudo envolve países da América Latina e do Caribe e tem como objetivo produzir informações sobre o desempenho dos estudantes em diferentes

áreas do conhecimento, subsidiando o monitoramento dos sistemas educacionais e a formulação de políticas públicas na região.

O ERCE avalia estudantes do Ensino Fundamental em áreas como leitura, escrita, matemática e ciências, além de aplicar questionários contextuais destinados à comunidade escolar com o intuito de compreender as condições de ensino e aprendizagem. No caso específico do 4º ano do ensino fundamental, os chamados testes cognitivos concentram-se na avaliação da leitura, da escrita e da matemática, enquanto os questionários contextuais investigam aspectos relacionados ao ambiente escolar, às condições socioeconômicas dos estudantes e às práticas educativas desenvolvidas nas escolas.

Entretanto, para além de seu caráter técnico de mensuração do desempenho escolar, avaliações como o ERCE também podem ser compreendidas como práticas discursivas que produzem e circulam sentidos sobre o que significa ler, ensinar a ler e aprender a ler na escola. Compreendemos que os instrumentos avaliativos, seus objetivos, categorias analíticas e formas de divulgação constituem enunciados inseridos em uma cadeia discursiva mais ampla que orienta políticas educacionais e práticas pedagógicas. Assim, as avaliações não apenas medem aprendizagens, mas também materializam determinadas concepções de linguagem, leitura e educação.

A análise dos documentos institucionais do ERCE evidencia que a avaliação da leitura se organiza a partir de categorias como domínios e processos, que estruturam a elaboração dos instrumentos avaliativos. Entre os domínios mobilizados nos testes destacam-se elementos como diversidade textual, estratégias de leitura e compreensão. A própria denominação dos instrumentos como “testes cognitivos” revela a centralidade atribuída a uma perspectiva que enfatiza aspectos cognitivos e individuais do processo de leitura, privilegiando o desempenho do estudante na resolução de tarefas específicas relacionadas à interpretação de textos.

Essa perspectiva se aproxima de abordagens que compreendem a leitura predominantemente como habilidade cognitiva mensurável, associada à decodificação de signos e ao processamento de informações. Nessa concepção, ler implica mobilizar estratégias individuais de compreensão textual que podem ser avaliadas por meio de itens objetivos e padronizados. Embora tais dimensões sejam relevantes para a aprendizagem da leitura, sua centralidade em avaliações educacionais pode contribuir para reduzir a complexidade do fenômeno da leitura, desconsiderando suas dimensões sociais, culturais e discursivas.

Observamos que essa concepção de leitura entra em contraposição a perspectiva que envolve a participação ativa do leitor na produção de sentidos, mobilizando conhecimentos, experiências e referências culturais construídas ao longo de sua trajetória social. Desse modo, o leitor não é concebido como sujeito passivo diante do texto, mas como participante ativo em um processo dialógico de construção de significados. A leitura envolve um movimento de interação entre textos, leitores e contextos socioculturais, no qual se articulam memória, repertório cultural e experiências anteriores de leitura, como destaca

Goulemot (2009). O processo de leitura mobiliza uma “biblioteca vivida”, constituída por leituras anteriores e conhecimentos culturalmente compartilhados, evidenciando o caráter intertextual e histórico da prática de leitura.

A partir desse tensionamento entre diferentes concepções de leitura, torna-se possível problematizar os sentidos que orientam as políticas de avaliação educacional. Ao privilegiar abordagens centradas na mensuração de habilidades cognitivas, avaliações como o ERCE podem invisibilizar dimensões fundamentais da leitura enquanto prática social e cultural. Nesse sentido, refletir sobre a avaliação da leitura implica discutir não apenas os instrumentos utilizados para mensurar o desempenho dos estudantes, mas também as concepções de linguagem e leitura que sustentam tais processos avaliativos.

Assim, compreender a avaliação da leitura como prática discursiva permite evidenciar que ela está inserida em disputas mais amplas sobre os sentidos da educação e sobre os projetos de formação humana que orientam as políticas educacionais. No contexto latino-americano, marcado por profundas desigualdades sociais e educacionais, essa reflexão torna-se ainda mais relevante, pois permite problematizar os limites de modelos avaliativos baseados exclusivamente na mensuração de habilidades e apontar a necessidade de conceber a leitura como prática cultural, histórica e socialmente situada, fundamental para a formação de sujeitos capazes de produzir sentidos e atuar criticamente na vida social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas ao longo deste texto buscaram discutir os sentidos sobre linguagem e leitura que se materializam nos discursos que orientam as avaliações internacionais da leitura, tomando como referência as interlocuções entre essas avaliações e a agenda educacional internacional. Partiu-se do entendimento de que avaliar a leitura implica discutir as concepções de linguagem e leitura que sustentam tais processos, uma vez que os instrumentos avaliativos, seus objetivos e categorias analíticas não são neutros, mas expressam determinados modos de compreender o fenômeno da leitura e o próprio papel da educação.

A análise evidenciou que avaliações internacionais, como o ERCE, tendem a mobilizar concepções que privilegiam a leitura como habilidade cognitiva mensurável, organizada em domínios, processos e estratégias que podem ser aferidos por meio de instrumentos padronizados. Embora essas dimensões sejam relevantes para a compreensão de aspectos do desempenho leitor, elas não esgotam a complexidade do fenômeno da leitura. Ao enfatizar predominantemente aspectos técnicos e cognitivos, tais avaliações podem reduzir a leitura a um conjunto de competências individuais, deixando em segundo plano suas dimensões históricas, sociais e culturais.

Em contraposição a essa perspectiva, as contribuições da abordagem Enunciativo-Discursiva da linguagem e da Psicologia Histórico-Cultural permitem ampliar a compreensão da leitura como prática social e cultural de produção de sentidos. Nessa direção, ler implica participar de processos de interação discursiva, mobilizar experiências, repertórios culturais

e memórias de leitura, produzindo sentidos que se constituem na relação entre sujeitos, textos e contextos sociais. Considerar essa perspectiva amplia o horizonte de análise das políticas de avaliação, permitindo problematizar os limites de modelos centrados exclusivamente na mensuração de habilidades.

Assim, ao discutir os discursos que estruturam as avaliações internacionais da leitura e suas interlocuções com a agenda educacional internacional, este texto procurou evidenciar os desafios, limites e possibilidades presentes nesse campo. Entre os desafios, destaca-se a necessidade de tensionar concepções restritas de leitura que orientam muitos sistemas avaliativos. Entre as perspectivas possíveis, aponta-se a importância de pensar modelos de avaliação que reconheçam a leitura como prática social e cultural, articulada à formação humana e às condições concretas de escolarização.

No contexto latino-americano, marcado por profundas desigualdades educacionais e por disputas em torno dos sentidos da educação, refletir criticamente sobre as concepções que orientam a avaliação da leitura torna-se fundamental. Mais do que medir desempenhos, trata-se de compreender quais sentidos de leitura e de linguagem são produzidos e legitimados por esses processos, e de que forma eles influenciam as políticas educacionais e as práticas pedagógicas voltadas à formação de leitores. Dessa forma, problematizar tais concepções constitui um passo importante para a construção de políticas educacionais comprometidas com uma compreensão mais ampla da leitura e com a formação de sujeitos capazes de participar criticamente da vida social.

REFERÊNCIAS

- CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo de Moraes. - São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CÔCO, Dilza. **Avaliação externa da alfabetização: o PAEBES-Alfa no Espírito Santo**. 2014. 405. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de PósGraduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2014.
- ENDLICH, Ana Paula Rocha. **Os discursos da UNESCO e a avaliação da alfabetização infantil na América Latina e Caribe (1980-2012): diálogo com o contexto brasileiro**. 194f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2023.
- ENDLICH, Ana Paula Rocha GONTIJO; Cláudia Maria Mendes. Destinatários da Provinha Brasil: crianças e professores. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 24, n. 54, p. 326-347, jan./abr. 2023.
- GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. Trad. Cristiane Nascimento, Int Alcir Pícora. 4 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- ROCHA, Nina Soares. **Não pense em crise, avalie!** 2024. 134f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de PósGraduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, dez. 2024.
- SILVA, E. T. da. **Leitura e realidade brasileira**. 4 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaievich. **A construção da enunciação e outros enunciados.**
São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.